

# A Primeira Travessia do Atlântico Sul e a construção de lugares de memória no Rio de Janeiro:

## Sacadura Cabral, Gago Coutinho e o Patrimônio Material da cidade

The First South Atlantic Crossing and the construction of places of memory in Rio de Janeiro: Sacadura Cabral, Gago Coutinho and the city's Material Heritage

**Andréa Casa Nova Maia**

Professora Associada de História do Brasil Republicano e História da Arte do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Doutora em História social da cultura pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

[andrea.cn.bh@gmail.com](mailto:andrea.cn.bh@gmail.com)

**Diogo Nunes de Oliveira**

Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ), Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

[diogonunes65@gmail.com](mailto:diogonunes65@gmail.com)

---

**RESUMO:** Este artigo investiga como a memória da primeira travessia aérea do Atlântico Sul — realizada em 1922 pelos aviadores portugueses Sacadura Cabral e Gago Coutinho — permanece inscrita no tecido urbano do Rio de Janeiro por meio de monumentos e placas de ruas. A análise concentra-se em dois marcos principais: o monumento em homenagem a Gago Coutinho, inaugurado no bairro do Catete em 1969, e as ruas localizadas na Zona Sul e centro da cidade que recebem os nomes dos aviadores. A partir do referencial teórico de Pierre Nora (1984) e Jacques Le Goff (1990), e dialogando com os estudos sobre os topônimos, o artigo compreende esses elementos como patrimônios materiais e lugares de memória, onde o passado é condensado simbolicamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rio de Janeiro; primeira travessia aérea do Atlântico Sul; lugares de memória.

**ABSTRACT:** This article investigates how the memory of the first flight across the South Atlantic - made in 1922 by Portuguese aviators Sacadura Cabral and Gago Coutinho - remains inscribed in Rio de Janeiro's urban space through monuments and street signs. The analysis focuses on two main landmarks: the monument in honor of Gago Coutinho, inaugurated in the Catete neighborhood in 1969, and the streets located in the South Zone and downtown that are named after the aviators. Based on the theoretical framework of Pierre Nora (1984) and Jacques Le Goff (1990), and dialoguing with studies on toponyms, the article understands these elements as material heritage and places of memory, where the past is condensed symbolically.

**KEYWORDS:** Rio de Janeiro; first air crossing of the South Atlantic; places of memory



## Introdução

*“Qualquer cidadão comum que tenha andado pelas ruas de sua cidade e passado pelas praças públicas já se deparou, em algum momento de sua vida, com estátuas, bustos, hermas e monumentos que retratam nosso passado.”*

*Ricardo Oriá (2018)*

Uma vasta produção bibliográfica — composta por livros, artigos e teses — tem se debruçado sobre os intensos debates em torno das transformações econômicas, culturais e sociopolíticas que atravessaram a Primeira República no Brasil (1889–1930). No conjunto de eventos marcantes da década de 1920, destacam-se os estudos historiográficos dedicados à Exposição Internacional de 1922 e às celebrações do centenário da Independência, analisadas como expressões simbólicas de um projeto de modernização e de construção da identidade nacional. Para a historiadora Marieta de Moraes Ferreira, estas celebrações foram “importantes no sentido de comemorar o passado, mas também de repensar perspectivas para o futuro, procurando mostrar para os visitantes estrangeiros o potencial que o Brasil oferecia” (2023, p. 120). Em *A Nação faz 100 anos*, Marly Silva Motta demonstrou, por meio da análise de documentos oficiais, fontes jornalísticas e literárias, como setores intelectuais utilizaram-se do centenário para a produção de uma identidade nacional, onde “[...] se empenharam obstinadamente em criar um saber próprio sobre o país. A palavra de ordem era conhecer, desvendar, investigar e mapear o Brasil e a sua realidade, bem como traçar simultaneamente os contornos da identidade nacional” (1992, p.4).

Ao lado desse vigoroso esforço historiográfico, destacam-se pesquisas que investigam com profundidade episódios cruciais da década de 1920, como a Semana de Arte Moderna, a fundação do Partido Comunista Brasileiro, o Movimento Tenentista, as complexas articulações intra-oligárquicas em torno da eleição de Arthur Bernardes (1875–1955) e o simbólico arrasamento do Morro do Castelo. Esses acontecimentos, não por acaso,

têm sido privilegiados pela historiografia como marcos interpretativos fundamentais para a compreensão das tensões e metamorfoses que atravessavam a sociedade brasileira no alvorecer do século XX.

Dito isso, ainda há episódios históricos pouco explorados que carecem de maior atenção por parte dos/as historiadores/as. Dentre eles, há um evento que parece ter voado abaixo dos radares das pesquisas preocupadas em explorar a história do Rio de Janeiro e seus patrimônios materiais: a primeira travessia aérea do Atlântico Sul Lisboa-Rio de Janeiro. Realizada entre março e junho de 1922 e protagonizada pelos aviadores portugueses, Artur de Sacadura Freire Cabral (1881-1924) e Carlos Viegas Gago Coutinho (1869-1959), a viagem aérea que conectou Portugal ao Brasil pelos ares foi amplamente divulgada na imprensa. Contou com a participação de setores políticos e intelectuais da sociedade fluminense e mobilizou dezenas de celebrações e homenagens em diversas regiões do país, proporcionando verdadeiros festejos populares.

Poucos estudos analisam a repercussão jornalística da travessia na imprensa brasileira (Maia, 2022; Oliveira, 2024). A maior parte da produção bibliográfica concentra-se no caráter inovador e pioneiro da aviação portuguesa, que possibilitou a realização do feito (Cabral, 2023; Corrêa, 1962; Lopes, 1978; Jr. Cambeses, 2022), em um contexto no qual as viagens aéreas de longa distância ainda eram escassas devido às limitações tecnológicas da época.

No campo das relações internacionais, há trabalhos publicados, como o de Amado Cervo e José Calvet de Magalhães (2000), que, ao explorar a histórica relação diplomática entre Brasil e Portugal, avaliam a travessia como um dos eventos que propiciaram a aproximação luso-brasileira no início do século XX. Comparada com a visita do presidente de Portugal, Antônio José de Almeida (1866-1929), ao Brasil, os “dois acontecimentos de natureza bem diversa [...] contribuíram para a intensificação dos laços que ligavam o povo brasileiro e o português” (p. 266). Nesse sentido, a travessia

que se tornou um marco na história da aviação influenciou a política brasileira e portuguesa da época.

Diante do panorama apresentado, nosso artigo tem por finalidade preencher uma das lacunas ainda não exploradas na relação entre a primeira travessia aérea do Atlântico Sul e a cidade do Rio de Janeiro. Enquanto estiveram em solo fluminense, Sacadura Cabral e Gago Coutinho foram amplamente homenageados. Seja nas ruas da cidade, ao lado da massiva presença da população brasileira e da colônia portuguesa do Rio de Janeiro ou em jantares particulares organizados por célebres personagens da burguesia carioca, os aviadores foram tratados como celebridades e representantes da nação portuguesa.

Apontaremos como essas demonstrações de carinho e afeto que tanto mobilizaram a sociedade brasileira permanecem presentes no cotidiano da urbe por meio de monumentos, patrimônios materiais e placas que dão nome às ruas da cidade. Portanto, teremos como objetivo central investigar e demonstrar como a memória da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, protagonizada por Sacadura Cabral e Gago Coutinho, permanece integrada ao cenário urbano da cidade do Rio de Janeiro, mesmo sendo pouco conhecida.

Para analisarmos o presente, será necessário nos voltarmos para o passado com a intenção de evidenciar como ocorreu a conclusão da travessia com a chegada dos aviadores ao Rio de Janeiro. Para tanto, analisaremos periódicos produzidos naquele contexto, a fim de compreender a significativa relevância política e mobilização social em torno do empreendimento. Logo, será possível elucidar as razões que levaram o Estado brasileiro a batizar duas ruas da cidade com os nomes de Sacadura Cabral e Gago Coutinho, bem como a erguer um monumento em homenagem à vida e à memória de Gago Coutinho no bairro do Catete. Desta forma, demonstraremos como a memória da travessia e seus protagonistas integram o presente da arquitetura urbana da cidade.

Como arcabouço teórico-metodológico, mobilizaremos os pressupostos sugerido por Pierre Nora, “lugares de memória”; Jacques Le Goff e seu entendimento acerca dos monumentos; e, por estarmos lidando com o nome de lugares e ruas, será necessário dialogarmos com pesquisas da área da Onomástica e Toponímia.

## **O olhar da imprensa: Sacadura Cabral e Gago Coutinho no Rio de Janeiro**

Observada por especialistas da aviação como um feito importante e inovador para a sua época e para a história da aviação (Jr. Cambeses, 2022; Marabujo, 2018), a travessia ocorreu entre 30 de março e 17 de junho de 1922. Dada a impossibilidade de realizar a viagem em voo único entre Portugal e Brasil, por razão das limitações técnicas da época, a travessia realizou-se em 11 etapas, percorreu-se 8.384 km e foi concluída após 62h e 26m de voo (Cabral, 1923, p. 45). Legitimada pelo presidente de Portugal, Antônio José de Almeida, a viagem foi financiada pelo Estado Republicano português. Embrionariamente, o governo de Portugal esperava contar com a ajuda do Brasil para a execução da viagem. No entanto, mesmo o governo brasileiro sendo favorável ao empreendimento, optou por não se envolver economicamente.

Ingressos na Marinha de Guerra Portuguesa ainda jovens, Sacadura Cabral e Gago Coutinho conheceram-se enquanto realizavam missões de reconhecimento de fronteiras em territórios ultramarinos de Portugal. Logo desenvolveram uma amizade duradoura, o que levou Sacadura Cabral mais tarde a convidar Gago Coutinho para a realização da viagem. Mas, a união não se concretizou somente por conta da longa amizade. Sacadura fora um dos primeiros portugueses a conquistar o *brevet* de aviador, licença conquistada em viagem a França. Gago Coutinho, sendo um homem mais velho e experiente, era reconhecido como “Geógrafo,

Historiador, Matemático, Comandante, Navegador e Marinheiro” (Pinto, 2009, p. 10). Unia-se, portanto, dois expoentes da navegação aérea portuguesa para a realização de um feito que marcaria os anais da navegação mundial.

Em relatório publicado um ano após a conclusão da travessia, Sacadura Cabral expõe as motivações que o levaram a propor a execução da viagem ao Ministro da Marinha, Victor Macedo Pinto (1869-1956), ainda em 1919. Seu relato aponta que a visita de Epitácio Pessoa (1865-1942) a Portugal, realizada naquele ano, teria demonstrado o interesse por parte do presidente brasileiro em estreitar os laços luso-brasileiros.

Por isso, Sacadura defende a ideia de que a primeira travessia aérea do Atlântico Sul Lisboa - Rio de Janeiro serviria para:

[...] estreitar os laços de amizade que sempre existiram entre as duas nações, o meio natural de mais afetosamente nos estimarmos e de praticamente reconhecermos que o Brasil e Portugal, apesar de geograficamente separados e de constituírem nações independentes, formam, para portugueses e brasileiros, como que uma mesma Patria por afinidades de lingua, de raça, de ideias e de sentimentos (Cabral, 1923, p. 01).

A etapa final da viagem deveria ocorrer no Rio de Janeiro, antiga capital do Império desde a chegada da família real no Brasil em 1808 e à época capital federal da República brasileira, proclamada em 1889. A cidade, que a partir da administração de Rodrigues Alves (1848-1919) e Pereira Passos (1836-1913) caminhou para a revitalização do espaço urbano, inspirada pelas obras urbanísticas realizadas por Georges-Eugène Haussmann (1809-1891) no decorrer da segunda metade do século XIX, em Paris. O Rio de Janeiro, a “Paris dos Trópicos”, deveria dar atenção aos “[...] aspectos cosméticos. A escolha do estilo arquitetônico, a ampla perspectiva da Avenida Central, a execução de jardins nas praças, [...] primordiais para o significado da *belle*

*époque carioca*" (Needell, 1993, p. 58). Nesse sentido, chegando ao Rio de Janeiro na tarde de 17 de junho de 1922, Sacadura Cabral e Gago Coutinho foram imersos numa paisagem arquitetônica e urbanística que há muito buscava alinhar-se aos padrões das grandes cidades europeias, modelos representativos da modernidade e do progresso civilizacional.

A *Revista da Semana* (Rio de Janeiro, 1900-1959), sob o guarda-chuva da Companhia Editora Americana, tornou-se uma das revistas ilustradas mais influentes do Brasil no início do século XX. Comandada pelo escritor português Carlos Malheiro Dias (1875-1941) desde 1914, a revista, ao lado dos periódicos *Gazeta de Notícias*, *O Paiz*, *Jornal do Brasil*, *O Malho* e *Fon-Fon* repercutiu em larga escala a travessia protagonizada pelos aviadores portugueses. Destacou-se das concorrentes ao publicar dezenas de fotografias sobre a viagem, constituindo um *corpus* fotográfico plural e rico em representações visuais. Pelas lentes de seus fotógrafos, torna-se possível cruzar imagens e discursos jornalísticos para uma compreensão mais precisa da recepção de Sacadura Cabral e Gago Coutinho no Rio de Janeiro.

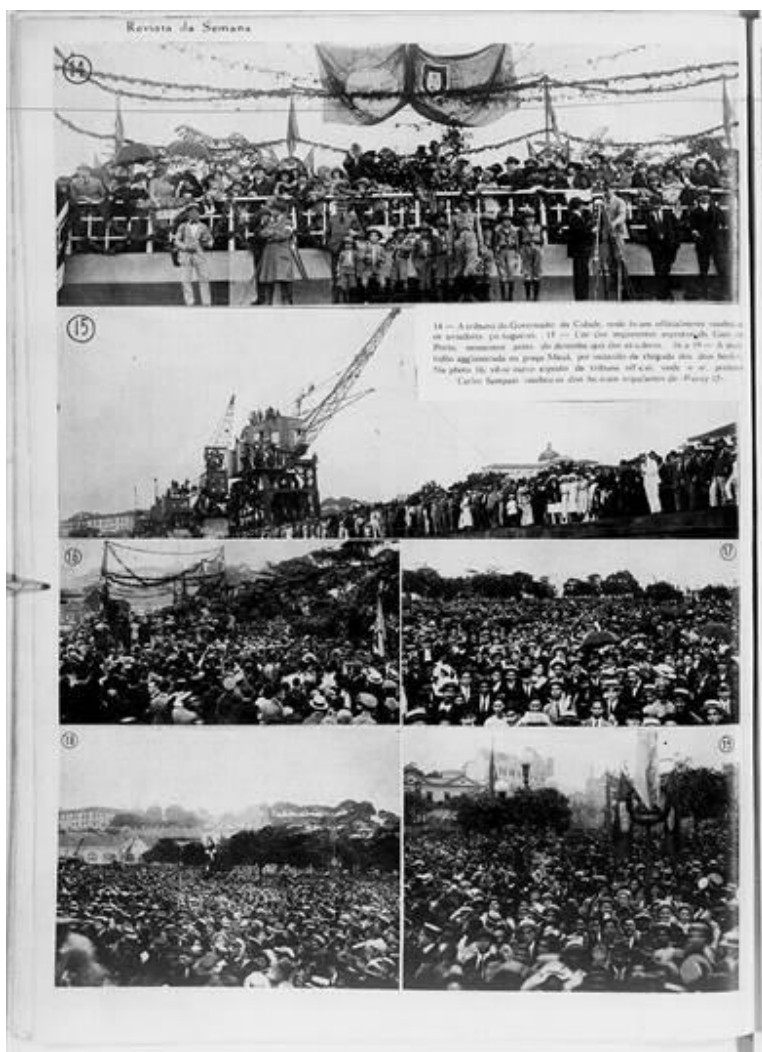
A *Gazeta de Notícias*, jornal diário da capital e com sólida circulação pelo Rio de Janeiro, encarregou-se de descrever aos seus leitores como o centro da cidade passou a ser ocupado pela população na manhã do dia 17 de junho para a recepção dos aviadores:

Das 11 para as 12 horas do dia os pontos centraes da cidade regorgitavam. A Avenida Rio Branco estava cheia. Não obstante, os autos rodam incançaveis, fonfonando, alegres, a transportar familias. Os bondes continuavam a chegar de toda a parte, succedendo-se uns aos outros, e todos cheios á cunha. Já então, o aspecto da cidade, nas ruas por onde devia passar os aviadores, era encantador. Senhoras e senhoritas de todas as classes, das mais modestas ás da elite, emprestaram ás ruas o brilho das

suas <<toilettes>> variadas e elegantes. O povo, aglomerado, cada vez mais numeroso, formava-se em multidão compacta, que enchia a praça Mauá e se estendia ao longo da Avenida Rio Branco, enchendo-a e derramando-se até a Avenida Beira-Mar. (*Gazeta de Notícias*, ed. 138, 18 de junho de 1922, p. 01)

O jornal *O Paiz*, reconhecido pela historiografia por seu “extremo servilismo” (Sodré, 1999, p. 248) e como “o amigo de todos os governos” (Barbosa, 2000, p. 48), foi o único periódico a divulgar o número de pessoas reunidas na Praça Mauá que aguardava a chegada dos aviadores pela Baía de Guanabara. Não há um número oficial que aponte com precisão quantas pessoas haviam nas imediações, mas, segundo o relato jornalístico: “Ao meio dia era impossível demandar o cáes, sendo calculado em mais de 60 mil pessoas a multidão que lhe tomava a área” (*O Paiz*, 18 de junho de 1922, p. 02). Na praça, fora construído um palanque, local projetado para o encontro dos aviadores com renomadas personalidades da sociedade fluminense: “Dr. Carlos Sampaio, prefeito do Districto Federal, Dr. Manoel Duarte, seu secretario; Dr. Raphael Pinheiro, orador da Municipalidade, membros da comissão da colonia e representantes da imprensa” (*Idem*).

**Figura 1** - A multidão na Praça Mauá para a recepção dos aviadores



Fonte: *Revista da Semana*, n. 26, 24 de junho de 1922, p. 14. Disponível em: Fundação Hemeroteca Nacional

Na edição especial em homenagem à travessia, publicada em 24 de junho de 1922, a *Revista da Semana* publicou uma série fotográfica que contemplava a passagem de Sacadura Cabral e Gago Coutinho pelos estados brasileiros integrados no cronograma da viagem. Recife, Bahia, Porto Seguro e Vitória foram regiões destacadas pelo *corpus* fotográfico da revista. O Rio de Janeiro, como palco da conclusão da travessia, da Exposição Internacional e das comemorações do centenário da

independência, foi o espaço privilegiado e com maior incidência. Comercializado por 1\$000 réis<sup>i</sup>, o exemplar contou em sua capa com o busto de Sacadura Cabral e Gago Coutinho talhados em uma moeda e circundados pelos dizeres “por ares nunca d’antes navegados”. Por meio das fotografias e imagens, construiu um discurso espetacular e grandioso sobre a travessia ao valorizar a participação popular e de personagens do universo político que puderam ter acesso exclusivo aos aviadores. A página destacada acima trouxe seis fotografias que corroboram com a descrição publicada pelo jornal *O Paiz*.

A primeira fotografia localizada no topo da página demonstra os aspectos do palanque construído para a recepção dos aviadores. Examinando a imagem, é possível ver mulheres e homens com vestes tradicionais – vestidos, ternos e chapéus. O palco, dividido em duas elevações, mostra no piso inferior a presença de oito crianças. Tanto as crianças quanto o adulto que as acompanha vestem trajes bastante similares aos dos escoteiros. Ainda no setor inferior, é possível observar a presença de oito homens, dos quais cinco estão posicionados ao lado de câmeras fotográficas. Provavelmente são fotógrafos a trabalho da imprensa fluminense. No topo do palanque, lado a lado, estão hasteadas as bandeiras do Brasil e de Portugal.

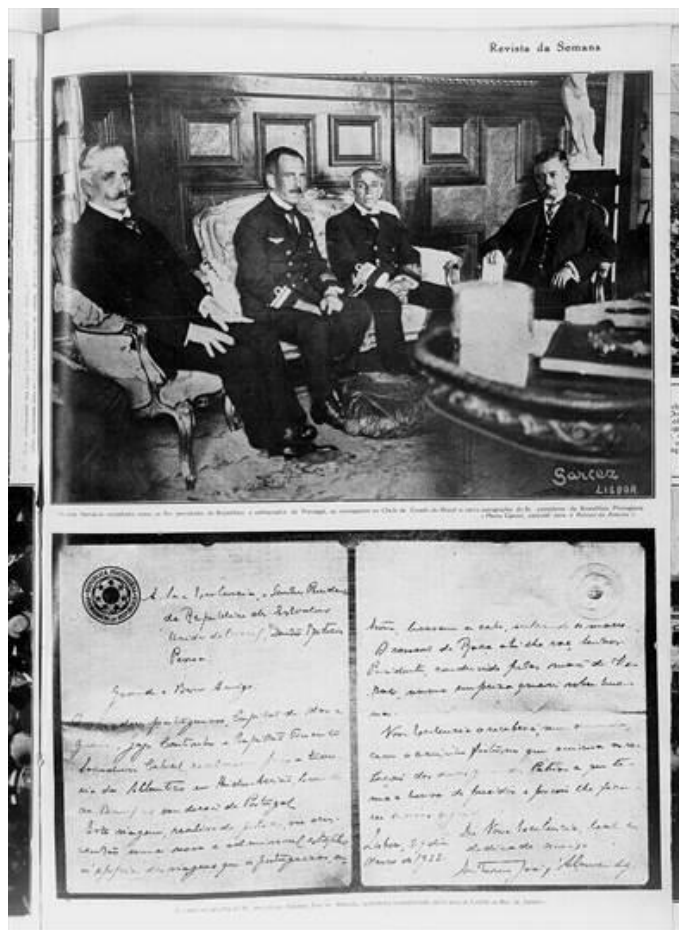
A segunda imagem apresenta a aglomeração de pessoas no Cais do Porto, enquanto as quatro fotografias restantes demonstram a organização popular reunida na Praça Mauá. As legendas contextualizam o leitor sobre o local representado e a motivação que levou tamanho número de pessoas para as ruas: “A multidão aglomerada na Praça Mauá, por ocasião da chegada dos dois heróis. [...] vê-se outro aspecto da tribuna oficial onde o Sr. prefeito Carlos Sampaio recebeu os dois herois tripulantes do Fairey 17”.

Ao chegar no Rio de Janeiro, os relatos jornalísticos descrevem que os aviadores foram levados ao Palace Hotel em grande cortejo. Ficaram

hospedados no icônico hotel localizado numa das principais artérias da cidade e forneceram algumas entrevistas para os jornais da capital. Nos próximos dias, reuniram-se com importantes figuras do Estado brasileiro. Dois momentos são emblemáticos para compreendermos a tamanha relevância que o Brasil concedeu à travessia: 1- O encontro de Sacadura Cabral e Gago Coutinho com o presidente da República no Palácio do Catete, antiga residência presidencial; 2 - A festividade organizada no Real Gabinete Português de Leitura, patrimônio arquitetônico simbólico, “[...] edifício concebido pelo arquiteto Rafael da Silva Castro como um templo, em escala monumental, para enaltecer a história da expansão marítima portuguesa, e, sobretudo, o culto a Camões, autor de *Os Lusíadas*” (Lopes; Telles, 2023, p. 70). Na ocasião do encontro com o presidente brasileiro, entregaram ao mesmo uma carta escrita pelo presidente de Portugal, enviada aos aviadores antes do início da viagem. Em seu conteúdo, demonstrava o interesse em fortalecer os laços de amizade entre as duas nações republicanas:

V. Ex. o receberá [a carta], sem duvida, com o carinho fraterno que anima as relações das duas grandes patrias a que temos a honra de presidir e por isso lhe ficarei deveras agradecido. De V. Ex. leal e dedicado amigo. Antônio José de Almeida (*O Paiz*, ed., 20 de junho de 1922, p. 01 [*grifo nosso*]).

**Figura 2** - Sacadura Cabral e Gago Coutinho ao lado de Epiácio Pessoa. Abaixo, imagem da carta enviada por Antônio José de Almeida.



Fonte: *Revista da Semana*, ed. 26, 24 de junho de 1922, p. x. Disponível em: Fundação Hemeroteca Nacional

**Figura 3** - Aspectos do Real Gabinete Português de Leitura e autoridades presentes nas homenagens aos aviadores.



brasileira.

Apresentado o objeto, bem como sua relevância para a política e diplomacia do Brasil, a seguir retornaremos ao presente para discutirmos como a memória deste evento permanece fincada no cotidiano da cidade. Para isso, apresentaremos alguns monumentos, placas de rua e patrimônios materiais em homenagem à travessia localizados no Estado do Rio, com ênfase naqueles que integram o espaço arquitetônico da cidade do Rio de Janeiro.

### **A memória da travessia em monumentos, placas, patrimônios materiais do Rio de Janeiro**

O historiador francês Pierre Nora (1931-2025), membro da terceira geração da Escola dos Annales, publicou em 1984 o artigo “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, no tomo I da coleção de livros “*Les lieux de mémoire*”. Nesse trabalho, o autor elabora uma discussão aprofundada acerca das diferenças entre Memória e História, demonstrando como ambos os conceitos possuem especificidades. Segundo a proposta de Nora, “A memória se enraíza no concreto, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história só conhece o relativo (1993, p. 09). Mais do que isso, a memória seria um fenômeno coletivo, afetivo, em permanente evolução e vivo no presente. A história, por sua vez, se vale da crítica e utiliza fragmentos do passado para escrever sobre ela mesma, uma reconstrução de algo que não existe mais. Em suma, “No coração da história trabalha um criticismo destruidor de memória espontânea”(Idem).

Sua visão acerca dos conceitos de Memória e História nos auxiliam a entender os “lugares de memória”, idealizado pelo autor e explicitado no mesmo texto. Esses lugares, representados em monumentos, objetos,

estátuas e locais, de acordo com sua percepção, são erigidos numa sociedade cada vez mais acelerada e massificada, onde uma nova percepção sobre o tempo demanda novas formas de estabelecer memórias. Nas palavras de Nora, “Há locais de memória porque não há mais meios de memória” (1993, p. 07). Portanto, ao contrário de se transmitir a memória por meio de instituições tradicionais, família, escola, igreja etc., as sociedades contemporâneas necessitam da criação de locais específicos para a rememoração do passado. Logo, lugares de memória são vestígios construídos conscientemente pela coletividade e se tornam verdadeiros “restos” simbólicos de uma memória.

Mobilizando este conceito para o nosso estudo de caso, observamos, a partir do levantamento das fontes, a construção de certos lugares de memória em homenagem à primeira travessia aérea do Atlântico Sul e seus protagonistas. Em Petrópolis, região serrana do estado do Rio de Janeiro, há um monumento construído em memória aos aviadores, localizado nas imediações da Praça da Liberdade, próximo à Casa Santos Dumont.

**Figura 4** - Homenagem a Santos Dumont, Sacadura Cabral e Gago Coutinho em Petrópolis



Fonte: HANSEN, Eugenio. Monumento aos pioneiros da aviação. 25 de maio de 2011, Petrópolis. Disponível em: Google License Commons. Acesso em: 13/06/2025.

O monumento construído em granito carrega na sua face frontal os dizeres “Aos pioneiros da aviação. Santos Dumont dando asas ao mundo em 1906. Gago Coutinho e Sacadura Cabral, atravessando o Atlântico em 1922”. A placa localizada na parte inferior carrega a data de lançamento da obra (12/06/1957), inaugurada pelo “presidente da República Portuguesa General Craveiro Lopes”. O monumento está instalado nas adjacências da Praça XIV Bis, onde há uma réplica da aeronave pilotada pelo aviator brasileiro. Portanto, além de estar situado em um espaço simbólico que celebra a memória de Santos Dumont (1873-1932), a obra homenageia três personagens importantes para a história da aviação mundial.

Vale ressaltar que Sacadura Cabral demonstrou em diversas ocasiões seu apreço por Santos Dumont. Em matéria publicada na *Revista da Semana*,

enquanto participava de um banquete oficial realizado na cidade do Rio de Janeiro, o aviador português expressou a sua admiração: “[...] Santos Dumont, esse outro glorioso, essa energia indomável, deu ao mundo uma prova bem flagrante, contribuindo para que a Aviação desse os primeiros passos, aquelles que são os mais difíceis” (5 de agosto de 1922, p. 03).

**Figura 5** - Monumento em homenagem à travessia, localizado em Niterói



Fonte: GOOGLE. *Google Street View*. [imagem]. Disponível em: <https://shre.ink/e1iq>. Acesso em: 13/06/2025.

Anteriormente situado na “Praça Lusitânia”, o obelisco em celebração à viagem dos aviadores portugueses, construído em granito e erguido sob uma escadaria de três degraus, está localizado no bairro de Icaraí, Zona Sul de Niterói. Em sua parte frontal está alocada uma placa de bronze com os seguintes dizeres: “Monumento comemorativo da primeira travessia do Oceano Atlântico de Portugal ao Brasil, pelos aviadores portugueses

Capitão-de-Mar-e-Guerra Sacadura Cabral e Almirante Gago Coutinho. 1922". Originalmente, havia uma cruz de malta localizada no topo da esfera. Hoje, esta peça não faz parte da obra.

Sabemos, por meio da pesquisa em periódicos, que Sacadura Cabral e Gago Coutinho estiveram na Praça Lusitânia em visita a Niterói enquanto estiveram no Rio de Janeiro. Ao longo do tempo, a região passou por diversas transformações, de modo que a praça de 1922, tal como retratada nos periódicos, difere significativamente da localidade onde o obelisco se encontra atualmente. Hoje a praça não existe mais, e o monumento segue situado numa calçada ajardinada que divide duas pistas. A construção está fixada numa região privilegiada de Icaraí, instalada em frente a praia que leva o nome do bairro.

Em fotografias publicadas pela *Revista da Semana* na edição de 8 de julho, os aviadores portugueses são vistos na praça, em presença de autoridades e uma significativa mobilização popular para acompanhar a assinatura da ata que dava início à construção do monumento em homenagem à travessia. As legendas que seguem as fotografias informam o seguinte: "A cerimônia da pedra fundamental do monumento que comemorará o grande feito lusitano".

A mesma revista relatou em 1927 a inauguração do monumento. A esta altura, Sacadura Cabral havia falecido em 1924, vítima de um acidente aéreo ocorrido na Europa. Gago Coutinho visitou o Brasil e se fez presente para celebrar não somente a construção do obelisco, mas a memória do seu companheiro. Examinando as fotografias, percebemos novamente a presença popular, organizada para acompanhar o lançamento da obra. Conforme o texto que segue as imagens: "Nichteroy inaugurou, com a presença do glorioso almirante Gago Coutinho, [...] presidente do Estado do Rio de Janeiro e altas autoridades, na praça Lusitania, o monumento comemorativo da primeira travessia aérea do Atlântico" (30 de abril, p. 13).

Vinculado aos dois exemplos apresentados, percebemos a presença do que Pierre Nora denominou como “vontade de memória”. Ou seja, os monumentos produzidos em homenagem à travessia foram projetados pela comunidade que deliberadamente decidiu depositar a sua lembrança e preservar o passado para evocar a memória. Nesse sentido, são obras executadas para a preservação da memória coletiva. Segundo o autor, “[...] a razão fundamental de ser lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar o estado das coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial [...]” (Nora, 1984, p. 22). Portanto, as obras elaboradas em homenagem à travessia procuram rememorar o feito de Sacadura Cabral e Gago Coutinho, evocando memórias perenizadas através dos monumentos.

Jacques Le Goff (1924-2014), em seu clássico livro *História e Memória* (1990), nos fornece uma percepção bastante refinada acerca dos monumentos. Buscando a origem etimológica da palavra, o autor faz lembrar:

A palavra latina *monumentum* remete para a raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa 'fazer recordar', de onde 'avisar', 'iluminar', 'instruir'. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos (Le Goff, 1990, p. 535).

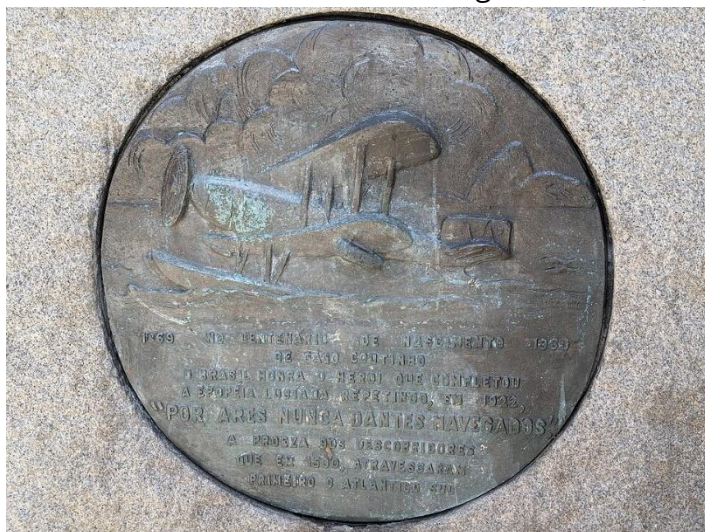
Recorda ainda que, na Antiguidade romana, o monumento estava associado tanto à produção de obras arquitetônicas e comemorativas quanto à função funerária, visando perpetuar a memória dos indivíduos. Em suma, “O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um

legado à memória coletiva)” (Le Goff, 1990, p. 536).

Mobilizando as abordagens de Pierre Nora e Jacques Le Goff para a investigação das obras construídas em nome da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, percebemos como os monumentos foram constituídos para a preservação de uma determinada história e memória. Não são construções neutras e ausentes de significados, elas produzem uma determinada visão sobre o acontecimento, uma visão elaborada pela comunidade que evoca uma memória coletiva. Concluída há mais de 103 anos, a travessia continua presente no Rio de Janeiro através dos lugares de memória e monumentos.

Cabe agora examinarmos os monumentos e placas de rua fixadas na cidade do Rio de Janeiro, região na qual recebeu os aviadores e palco das comemorações exibidas aqui por meio das fotografias publicadas na imprensa ilustrada e descrições fornecidas pelos jornais diários.

**Figura 6** - Monumento à memória de Gago Coutinho, no Catete.



Fonte: AVELLAR, Matheus. Monumento inaugurado no centenário de aniversário de Gago Coutinho. 12 de janeiro de 2024. Disponível em: Wikimedia Commons.

Acesso em: 13/06/2025

Inaugurado em 15 de junho de 1969, e localizado no bairro do Catete, o monumento construído em memória a Gago Coutinho faz parte da paisagem carioca como patrimônio material há mais de 50 anos. O bairro sediou a presidência da República até 1960, quando a capital federal foi transferida para Brasília. A fotografia dos aviadores ao lado de Epitácio Pessoa foi produzida nas dependências do Palácio da Catete, antiga residência presidencial e hoje Museu da República.

Elaborado para a comemoração do centenário de nascimento do aviador e oferecido pelo Ministério da Aeronáutica, o lançamento do monumento teve cobertura da imprensa local. Participaram da solenidade o português General-Aviador Mário Telio Polleri (1913-1977), em missão especial no Brasil, e Márcio de Souza Melo (1906-1991) - à época Ministro da Aeronáutica do presidente ditador Humberto de Alencar Castello Branco (1897-1967). Segundo o *Jornal do Brasil*:

O marco é um medalhão de bronze, com um avião gravado, e os dizeres: "No centenário de nascimento de Gago Coutinho, o Brasil honra o herói que completou a epopéia lusíada repetindo, em 1922, "Por ares nunca dantes navegados", a proeza dos descobridores que, em 1500 atravessaram primeiro o Atlântico Sul" (*Jornal do Brasil*, 15-16 de junho, 1969).

O monumento não somente comemora a memória de Gago Coutinho e da travessia, mas procura conectar o feito de 1922 com a chegada dos portugueses à América do Sul. Muito comum na época, enquanto a travessia era realizada pelos aviadores, a imprensa brasileira e portuguesa se dedicou em construir um discurso no qual a viagem seria a continuidade do feito de Pedro Álvares Cabral (1497-1520). Em pleno ano de comemoração do Centenário da Independência do Brasil, a imprensa brasileira glorificou o feito de Sacadura Cabral e Gago Coutinho, conectando-o, de maneira até bastante teleológica, ao evento que

culminou no processo de colonização e exploração do território.

Como lugar de memória, o monumento celebra e faz homenagem à travessia e aos aviadores portugueses. Diferente das demais obras, o monumento situado no Catete também perpetua uma determinada visão da realidade na qual atribui aos portugueses o título de “descobridores” do Brasil. Uma determinada interpretação da história que há anos vem sendo combatida pela historiografia brasileira por silenciar a presença dos povos originários e da riqueza cultural aqui presente antes da chegada dos europeus. Percebemos, a partir deste caso, como os discursos produzidos pelos periódicos há mais de 100 anos permanecem sendo parte constituinte da paisagem da cidade do Rio de Janeiro. Neste caso, como um monumento.

O último caso investigado refere-se a duas placas localizadas em diferentes pontos da cidade do Rio. A primeira, carrega o nome de Gago Coutinho e está instalada entre a Rua das Laranjeiras e o Largo do Machado, na Zona Sul. Nas adjacências da região, encontra-se o Parque Guinle e o Bar e Botequim Baixo Gago, localizado na rua Gago Coutinho nº 51 há mais de 50 anos, autointitulado como “O rei do petisco”.

Localizada no centro do Rio, a placa que homenageia Sacadura Cabral cruza os bairros da Saúde e Gamboa. Por conseguinte, margeia o Morro do Livramento e o Morro da Conceição. Hoje, a rua que resgata a memória do aviador é frequentemente visitada em períodos de festas, principalmente durante o Carnaval. A rua também margeia a região da Pequena África, Pedra do Sal e o Museu de Arte Moderna. O local é carregado de muita história e temporalidades que ao longo do tempo entrelaçaram-se.

Nas adjacências onde a placa está instalada, há a Igreja de São Francisco da Prainha, construída por volta de 1696 e tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Na praça que comporta a placa de Sacadura há uma estátua em homenagem à Mercedes Baptista (1921-2014), primeira bailarina negra membro do corpo de dança do

Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Este local é conhecido também pelas casas noturnas, bares e restaurantes. Ou seja, é uma área de muita riqueza cultural e cercada por patrimônios materiais que simbolizam diferentes temporalidades da história da cidade.

**Figuras 7 e 8** - Placas em homenagem a Gago Coutinho e Sacadura Cabral



Fonte: GOOGLE. *Google Street View*. [imagens]. Disponível em: <https://shre.ink/xP91> e <https://shre.ink/xPHP>. Acesso em: 13/06/2025.

Uma semana após a conclusão da travessia *O Jornal do Brasil* publicou em suas páginas o decreto de nº 1724 de 24 de junho de 1922 que designava a alteração do nome das ruas. Antes de serem renomeadas como Gago Coutinho e Sacadura Cabral, as ruas chamavam-se rua Carvalho de Sá e rua da Saúde, respectivamente. O decreto, publicado e assinado pela Prefeitura do Distrito Federal, justificou a decisão a partir das seguintes motivações:

Considerando a alta importancia científica deste "raid"; Considerando mais, a sua larga e benéfica repercussão nas relações luso-brasileiras; Considerando, finalmente, as legitimas manifestações de entusiasmo despertadas entre nós por esse arrojado empreendimento e a sugestão do Conselho Municipal e usando da attribuição que lhe confere a lei [...] (*Jornal do Brasil*, 25 de junho de 1922, p. 03).

A Onomástica, área do conhecimento do grupo da Lexicologia, dedica-se ao estudo linguístico dos nomes próprios. Divide-se em duas categorias: a Antroponímia, estudo relativo aos nomes de pessoas/nomes próprios; e a Toponímia, o qual é o estudo dos nomes dos lugares. Conforme afirmam Carmem Maria Faggion e Bruno Misturini (2014, p. 142), “[...] entende-se por topônimo o nome atribuído a um determinado local, seja uma rua, bairro, cidade, praça, curso d’água, acidente geográfico”. Portanto, as placas que carregam os nomes de Sacadura Cabral e Gago Coutinho, mesmo sendo estudadas por nós como lugares de memória, diferenciam-se das demais obras apresentadas no estudo. Isto ocorre porque os monumentos referem-se e dão nome a si, caso diferente das placas que dão nome a uma região, localidade, rua. Por isso a necessidade de darmos um passo adiante na discussão e buscarmos nos estudos toponímicos as implicações que decorrem da nomeação dos lugares.

De forma geral:

[...] os topônimos propiciam informações a respeito das sucessivas gerações de uma localidade, dos homens que aí nasceram, trabalharam e viveram, bem como daqueles que mereceram sua homenagem. Aludem a fatos e datas significativas, dão conta das devoções, traduzem sentimentos. Assim, saber o exato significado do nome de uma cidade, bem como de suas ruas, praças e parques, significa, verdadeiramente, conhecer essa cidade e reconhecer seus valores (Faggion; Dal Corno; Frosi, 2008, p. 278).

Mobilizando estes pressupostos para o nosso estudo de caso, percebemos como as placas em memória a Sacadura Cabral e Gago Coutinho aludem a fatos e datas significativas, constituindo-se como homenagens. Não por acaso, cada placa, além de exibir o nome dos aviadores e suas datas de nascimento e falecimento, apresenta um breve texto explicativo que informa ao leitor a que se refere aquele nome: “[...] fez a primeira travessia

aérea do Atlântico Sul, em um voo entre Lisboa e Rio". Por meio das placas, tomamos conhecimento de um feito histórico pouco conhecido e debatido. No caso da placa a Gago Coutinho, vimos como a população da região aproveita-se do nome do avião para dar nome ao comércio local. Tomado como ponto de referência, auxilia os transeuntes na exploração da cidade e do bairro.

Contudo, mesmo tendo em mente a importância das homenagens, da história que carrega a travessia e das simbologias que permeiam esses lugares de memória, é preciso relativizar o conhecimento da população sobre o caso. Seabra expõe que mesmo o topônimo sendo um referencial "[...] o seu sentido nem sempre se encontra armazenado na mente do ouvinte, nem na do falante, principalmente se é um topônimo muito antigo, que vem atravessando gerações" (Seabra, 2006, p. 1956). Nesse sentido, cabe assumirmos que ao se referirem às ruas que levam os nomes de Sacadura Cabral e Gago Coutinho, nem sempre o falante tem plena noção do significado do nome que está proferindo.

Isto se torna mais evidente quando o acontecimento histórico é pouco estudado e explorado, como no caso da primeira travessia aérea do Atlântico Sul Lisboa - Rio de Janeiro. No caso da placa de Sacadura Cabral, por exemplo, a região é conhecida como "Pequena África" ou "Largo da Prainha" e não por "rua Sacadura Cabral". O que não acontece com a Avenida Presidente Vargas, estrada muito conhecida pela população carioca. Os dois casos demonstram como os nomes dos lugares também passam por processos de reconhecimento histórico e habitam o imaginário da população de diferentes formas.

### **Considerações Finais**

O que permanece da travessia de 1922 no estado e cidade do Rio de Janeiro? Neste artigo tivemos como objetivo demonstrar como a história e memória da viagem de Sacadura Cabral e Gago Coutinho permanecem

integrando a paisagem do Rio de Janeiro por meio de placas de rua e monumentos espalhados pela cidade. Mesmo sendo objetos pouco conhecidos pela população e com estudos historiográficos incipientes, são patrimônios materiais que continuam fazendo parte do nosso cotidiano, que nos auxilia a contar um fragmento da história do Brasil e da cidade até então desconhecido por muitos. É importante destacar o papel didático e simbólico dos monumentos: eles são parte do cotidiano urbano e atuam como expressões visuais da história que permeiam o imaginário social.

A partir dos estudos de Pierre Nora (1984), investigamos tais construções como lugares de memória, ou seja, obras que possuem “vontade de memória”. Isso implica na compreensão de que esses patrimônios materiais elaborados conscientemente pela comunidade e coletividade são lugares de memória porque lhes foram atribuídos uma “aura simbólica”. Em suma, são objetos que representam a tentativa de preservação do passado e rememoram um feito digno de ser homenageado, a partir da ótica dos seus criadores. Com Jacques Le Goff investigamos os monumentos de forma crítica, tendo em mente que “De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade [...]” (1990, p. 535). Portanto, a conformação de um monumento implica em escolhas, objetivos e intenções, afastando qualquer ação neutra.

Sob a ótica da Toponímia, demonstramos como as placas localizadas na Zona Sul e centro da cidade do Rio de Janeiro diferenciam-se dos demais monumentos por darem nome a uma rua e localidade. Segundo Neidiane Alves da Silva Dutra e Ana Paula Tribesse Dargel (2023), “[...] por intermédio de pesquisas sobre questões relacionadas à motivação do nome de um lugar, é possível conhecer a cultura, costumes, valores, possibilitando a compreensão e a informação a respeito da constituição de seu patrimônio cultural” (p. 208). A partir da exposição realizada com contextualização da importância da primeira travessia aérea do Atlântico Sul e sua repercussão

na cidade do Rio de Janeiro, as motivações para a construção dos lugares foram explicitadas.

Para finalizar, cabe somente ressaltar a necessidade de mediação para que estes e outros lugares de memória sejam reconhecidos como parte constituinte da cidade. É necessário um trabalho interdisciplinar para que os patrimônios culturais, materiais e imateriais da cidade do Rio de Janeiro façam parte do cotidiano da população e não sejam vistos apenas como objetos sem significados, elaborados apenas para compor a paisagem urbana.

Parte do papel da história é publicizar os significados dos monumentos, das placas, dos nomes que se espalham pela urbe e assim promover a divulgação, a publicização dos lugares e dos sujeitos envolvidos na costura da cidade. Afinal, os monumentos urbanos operam como inscrições visuais duradouras das narrativas que uma sociedade escolhe recordar. Ao se incorporarem ao tecido das cidades, eles evocam símbolos que moldam a “memória coletiva” e sustentam, silenciosamente, os alicerces de uma identidade compartilhada. Nesse caso, uma identidade transnacional, que reforça os laços de origem e as relações do colonizador-colonizado bem depois da independência, refundando imagens e propondo novas relações entre portugueses e brasileiros muito além da herança colonial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Marialva. **Os Donos do Rio: Imprensa, Poder e Público**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.
- CABRAL, Artur de Sacadura Freire. **Relatório do Capitão de Fragata Capitão de Fragata Artur de Sacadura Cabral**. Lisboa: Arquivo Geral da Marinha, 1923.
- CAMBESES JR., Manuel. **A Primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul**. Rio de Janeiro: INCAER, 2022.
- CORRÊA, Pinheiro. **1º Travessia Aérea do Atlântico Sul**. Porto: Aero Club do Porto, 1962.
- DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício; DUTRA, Neidiani Alves da Silva. A Antroponímia na nomeação dos logradouros públicos de Paranaíba/MS. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. **Toponímia Urbana no Brasil: estudos**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2023.
- FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani; FROSI, Vitalina Maria. Topônimos em Bento Gonçalves: motivação e caracterização. In: **Métis: história e cultura**. v. 1, n. 1. Caxias do Sul: EducS, 2008.
- FAGGION, Carmen M.; MISTURINI, Bruno. Toponímia e Memória: Nomes e lembranças da cidade. **Linha D'Água** (online), São Paulo, v. 27, n. 2, p. 141-157, dez. 2014.
- FERREIRA, Marieta de M. Crise republicana de 1920. In: CARLONI, Karla; MAIA, Andréa Casa Nova (Orgs.). **Brasil República Podcast: conversas sobre a nossa história**. Rio de Janeiro: Telha, 2023.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão [et. al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- LOPES, Norberto. **A magnífica Aventura de Gago Coutinho e Sacadura Cabral**. Portugal: Centro de Estudos da Marinha, 1978.
- LOPES, Raquel; TELLES, Angela. O prédio do Real Gabinete como um lugar de memória: cenário de eventos significativos Brasil-Portugal (1920-1950). **Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro, v.34, n. 49, p 66-100, jan-jun 2023.
- MAGALHÃES, José Calvet de. As Relações Brasil-Portugal de 1895-1953, p. 262. In: CERVO, Amado; MAGALHÃES, José Calvet de. **Depois das Caravelas: as relações entre Portugal e Brasil 1808-2000**. Brasília: UNB, 2000.
- MAIA, Andréa Casa Nova. A repercussão jornalística da viagem de Sacadura Cabral e Gago Coutinho: homenagens na imprensa brasileira. In: ALVES, luís et al.. Sacadura Cabral e a Travessia Aérea do Atlântico Sul. **Câmara Municipal de Celorico da Beira**, 2022.
- MARABUJO, Magda Inês Ramires. **A Navegação Aérea Transoceânica: os métodos de Gago Coutinho e Sacadura Cabral**. 2018. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares Navais) - Escola Naval (PT), Alfeite, 2018.

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência.** Rio de Janeiro: Editora FGV: CPDOC, 1992.

Múltiplas perspectivas em linguística: **Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL).** Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical: sociedade e cultura da elite no Rio de Janeiro na virada do século.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Houry, **Prof. História,** São Paulo, n° 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, Diogo Nunes de. **“Por ares nunca d’antes navegados”:** repercussão jornalística da Primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul (1922) em periódicos fluminenses. 2024. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Rio de Janeiro. 2023.

ORIÁ, Ricardo. História pública e monumentos: a narrativa visual do passado nacional. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (org.). **História pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado.** São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 33-50.

PINTO, Rui Costa. Uma ponta de aventureiro: Gago Coutinho, simples aventureiro ou homem da ciência? In: **Orgão Oficial da Federação Portuguesa de Filatelia – APD.** Série III, n° 19, março de 2009.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e onomástica. In:

## Notas

---

<sup>i</sup> Ao contrastar o valor da *Revista da manteiga* e uma dúzia de ovos — *Semana* com os preços de alimentos comuns no cotidiano da básicos no período, verifica-se que, população brasileira. com quantias entre 1\$000 e 2\$300 réis, era possível adquirir itens como